

## Se Não Fôsse Vovó

Eddie Cantor e Jane Kesner Ardmore

**N**ÃO HAVIA NO nosso bairro de Nova York quem não conhecesse Esther Kantrovitz, uma mulher baixinha, forte, vestindo uma saia e uma blusa surradas e usando o tradicional chinó castanho, com um lenço amarrado na cabeça. Subia e descia sem parar, os cinco andares das casas de cômodos, vendendo de porta em porta as quinquilharias de uma cesta grande que carregava, e mantinha, como negócio subsidiário, uma agência de empregadas domésticas.

As mulheres iam ao apartamento de vovó diziam-lhe o tipo de empregada que queriam: “Alguém que saiba cozinhar bem, arrumar bem, tomar conta de uma criança como sua própria mãe, que tenha bom gênio”—e, naturalmente, pelo menor ordenado possível.

Vovó achava a pessoa que convinha. Havia sempre oito ou nove delas comendo e dormindo no nosso porão . . . e, quando uma delas en-

trava para o emprêgo, vovó cobrava a taxa de um dólar. E ainda carregava a mala da môça nas costas até à nova casa.

Além disso—e essa parte me agradava—ela era uma *shadchen*, ou seja, uma agenciadora de casamentos. Sempre que conhecia um homem que lhe parecesse servir para uma das empregadas, ela apresentava os dois. O namôro se processava em nossa casa, animado pelo chá e os biscoitos de vovó. Se o casamento se realizava, ela recebia uma comissão—em geral de 25 dólares. Para mim, todo casal representava um par de sapatos em potencial.

Assim era minha avó Esther—que eu chamava de “Bubba”. Ainda môça, ficou viúva na Rússia, com quatro filhos. Sustentava-os fazendo charutos. Como nunca tinha dinheiro suficiente para a necessária licença, foi prêsa várias vêzes. Nessas ocasiões, fingia ser louca, dançando, cantando, fazendo rodopiar a saia. Tôdas as vêzes o juiz deixava que ela

fôsse embora em paz. Vovó era uma grande imitadora . . . e foi isso que me deu a idéia.

Ela emigrara para os Estados Unidos aos 60 anos, para cuidar de uma filha que tinha a saúde delicada—minha mãe—do jovem e sonhador marido de minha mãe e da criança que ia nascer—eu. Tinha esperanças de que o genro fôsse mais feliz na América do que fôra no país de origem, mas meu pai era evidentemente um homem muito simpático, mas um inútil que só queria tocar violino. Quando êsses meus jovens e desorientados pais morreram—minha mãe de parto, quando eu tinha um ano, e meu pai de pneumonia, um ano depois—Bubba tomou a si o encargo de criar-me.

Como me lembro bem daquele nosso porão na Rua Henry: sala de estar, quarto e cozinha—tão quente no verão, tão frio no inverno! Em novembro, pregávamos as janelas para que não entrasse ar nenhum. Íamos dormir intoxicados pela falta de oxigênio—as criadas no chão e vovó e eu na grande cama de penas. Em volta de nós, nos outros cômodos, outras pessoas lutavam da mesma forma para sobreviver.

Vovó não se queixava. Amava a Deus e tinha o coração cheio de ternura por Êle e por todo mundo. Não tinha nada, mas sempre encontrava maneira de dar aos outros parte dêsse nada. Quando aparecia um mendigo, ela desencavava uma maçã, uma laranja, ou talvez um vintém. Não mandava ninguém embora.

Orgulhava-se de viver no porão.

—Daqui só se pode sair para um lugar—dizia ela.—Para cima.

Ela falava iídiche, polonês, russo ou uma mistura dos três. Não falava nem entendia inglês. Quando eu fiz seis anos, ela me limpou o melhor que pôde e arrastou-me para a escola pública. Eu deveria ser matriculado como Isidore Itzkowitz; mas, quando o secretário perguntou o meu nome, vovó fêz confusão e começou a dar o dela—“Kantrowitz”—sem chegar a acabá-lo.

—Kanter—disse o secretário.—É quanto basta. Isidore Kanter.

Mais tarde, alterei a grafia para “Cantor”. E dentro em pouco eu era “Eddie” para todo mundo. Ou melhor, para todo mundo menos Bubba. Para ela eu era Itchik.

Vadio, gatuno de carrocinhas de vendedores ambulantes, desordeiro de rua, mentiroso, com tudo isso eu era o seu Itchik e ela me queria bem, houvesse o que houvesse. Rezava para que não me acontecesse mal algum e para que eu crescesse e engordasse. Isso não era coisa fácil. Ela andava tão ocupada em arranjar dinheiro para viver que eu comia poucas refeições quentes. Deixava tôdas as manhãs cinco centavos na pia da cozinha com que eu comprava quatro centavos de salame e um centavo de pão.

Vovó tinha muito com que se preocupar. Para começar, havia as constantes brigas de rua. Quando a Rua Henry estava em guerra com a Rua Division e um de nós tentava

fazer qualquer trabalho para os lados da Division, logo se via encurralado num canto pelos meninos da rua, que o ameaçavam de morte. E o pior é que era a sério. Às vêzes, eu suplicava:

—Vamos, podem bater. Eu não tenho ninguém para me proteger . . . nem pai, nem mãe.

Havia ocasiões em que isso dava resultado.

Mudei de escola várias vêzes. Havia motivo para isso. As primeiras duas escolas queriam que se fizesse deveres em casa e que se passasse de ano. A Escola Pública N.º 1 não tinha prevenções. Eu sabia recitar, e se recitasse, passava de ano.

Nessa escola, senti-me glorioso. Cheguei até ao dia de formatura. O auditório está repleto. Minha avó arranjou-me uns calções novos e um blusão. Quando chega a hora, eu caminho do meu lugar para o estrado, lentamente, prolongando o percurso. Nesse dia, não sou órfão, esqueço os intermináveis sanduíches de salame, as instalações sanitárias no quintal frio. Recito “A Alma do Violino”. Sou o violinista que morre de fome na água-furtada. Vou ter que vender o violino e despeço-me dêle.

“Chegou afinal, velho companheiro, o momento em que tu e eu temos que nos separar.” Quando acabo, não há olhos sem lágrimas em todo o recinto—*todo o mundo* está chorando. Eu estou chorando. E venham-me falar de sensação!

O ruído dos aplausos era calor e

alimento, pai e mãe, champanha espumante. Vovó não podia estar presente para ouvir—tinha que trabalhar. Mas, quando chegasse em casa, as vizinhas a cercariam.

—Um menino extraordinário—diria a Sr.<sup>a</sup> Horowitz.—Você pode orgulhar-se dêle, Esther.

Então, minha avó também não sentiria frio.

Vovó não conseguiu, como pretendia, que eu continuasse os estudos, mas, não sei como, deu um jeito de mandar-me para um lugar onde aprendi mais do que em todo o meu tempo de escola: a Colônia de Férias do Lago da Surprêsa, para meninos subnutridos que nunca tinham visto uma fôlha de capim nem uma árvore. Fomos apanhados nas ruas ressecadas pelo verão e mandados para um lugar lindo, à beira do Rio Hudson, em frente à Academia Militar de West Point. Foi ali que realmente comi pela primeira vez três boas refeições por dia. Uma noite, estando deitado na minha cama, comecei a pensar alto.

—Como é que estamos aqui? Como é que isto não custa dinheiro?

Outro menino da mesma barraca, Georgie Sokolsky, sabia a resposta:

—Ora essa! É porque há alguém interessado em meninos como nós.

Houve um silêncio de um minuto; só a barraca escura e a respiração dos meninos. Depois, falando mais ou menos sòzinho, eu murmurei:

—Obrigado, alguém.

Foi a coisa mais aproximada de religião a que cheguei naqueles tempos.

Vovó nunca soube exatamente quando eu saí da escola. O inspetor apareceu e eu expliquei que era o único arrimo de minha velha avó. Êle correu os olhos em tórno, viu como nós vivíamos e deixou passar. Por essa época, arranjei um emprêgo na Companhia Nacional de Capas e Ternos. Fui pôsto na rua. Vovó soube apenas que eu tivera um emprêgo e que não o tinha mais. Eu lhe disse que resolvera afinal não me meter em negócios.

Nos últimos tempos, eu vinha assistindo a uma porção de espetáculos, de graça. Ficava rondando, até à hora do intervalo e, quando os espectadores saíam, eu entrava. Nunca vi o primeiro ato de coisa alguma. Disse então a minha avó que ia entrar para o teatro. Ela abanou a cabeça.

—Os atôres não valem nada.

Levou repetindo isso até ao dia em que eu lhe levei os primeiros dez dólares que ganhei num espetáculo de amadores. Isso a fêz mudar de idéia.

Nunca me esquecerei daquela noite. Fiquei nos bastidores tremendo até ao final da representação de variedades que levavam habitualmente. Depois, entraram em cena os amadores, foram vaiados, apupados e postos para fora do palco. Seguiu-se o anunciador dizendo:

—Apresento agora o Sr. Edward Cantor. *Diz êle* que é imitador.

Alguém me empurrou para um resplendor de luzes e apupos. Voavam coisas sôbre o palco. Frutas po-

dres. Eu me abaixava. Não me deixavam dizer uma palavra. De repente tive uma inspiração. No ato de variedades havia um cômico que de vez em quando batia o pé no chão, levantava uma das mãos e choramingava:

—Oh, isto me faz ficar danado da vida!

Quando eu estava no último extremo, levantei uma das mãos. Houve uma ligeira pausa e eu choraminguei:

—Oh, isto me faz ficar danado da vida!

A platéia riu às gargalhadas e deixou que eu continuasse. Houve até aplausos das galerias:

—Vá por aí que você vai bem, menino! Você é de morte!

Mas começaram a chover moedas no palco. Ganhei o primeiro prêmio e, o que é mais, recolhi vários dólares.

Daí por diante, fui-me arranjando com espetáculos de amadores até esgotá-los. Afinal, consegui trabalho num espetáculo de variedades: 15 dólares por semana e a possibilidade de continuar, como vagabundo, comediante hebreu, garçom e engraxate.

Representamos em cidadezinhas do interior durante quatro semanas. Eu já estava começando a gozar a vida como os artistas de renome, quando o negócio, que de início já não ia muito bem, deu para trás definitivamente. Ao estrearmos em Shenandoah, no Estado da Pensilvânia, na véspera de Natal, não havia uma só pessoa no teatro, nem mesmo o empresário. Vovó precisou mandar dinheiro para a minha volta.

Ela não observou: “Eu não lhe disse?” O que fez foi acolher-me em casa simplesmente, dar-me de comer e olhar para mim com uma expressão de grande pena. Continuava a gostar de mim, quer eu merecesse quer não. E em geral eu não merecia.

Quando comecei a progredir um pouco como ator, vovó não se mudou da Rua Henry. Limitou-se a passar do porão para o andar térreo. Cada vez que eu a visitava, ela me puxava para a janela para que os vizinhos me vissem beijá-la.

Passou muito tempo doente antes de morrer, com 84 anos. Mas morreu sabendo que não fracassara: o seu Itchik não morrera de subnutrição e não fôra enforcado.

Na noite de estréia de *Ziegfeld Follies* de 1917, algumas semanas depois da sua morte, eu consegui

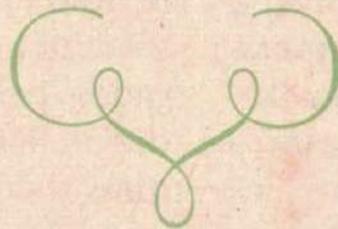
aquilo com que sonha todo ator—fazer parar o espetáculo. A canção era *Esta é a pequena que me serve*, e a platéia não se cansava de aplaudir. Will Rogers, que também fazia parte do elenco, passou depois pelo meu camarim para dar-me um tapinha nas costas. Eu não o vi. Tinha a cabeça afundada na penteadeira.

—Por que é que você está chorando Eddie?—perguntou êle.—O público ainda não parou de aplaudir. Eu lhe falei de vovó.

—Por que ela não pôde estar aqui para ver que afinal eu venci?

—Ora, Eddie, por que é que você acha que ela *não o viu*?—perguntou Will.—Viu, e de um lugar muito bom.

Com o tempo eu me fui convencendo de que muito provavelmente ela viu mesmo.



### *Proles*

TENDO TIDO cinco filhos um atrás do outro, eu não saía do consultório do obstetra. Depois houve um espaço de três anos e, ao fim dêsse período, quando empurrei de novo a porta da sala de espera e cumprimentei a enfermeira, esta se mostrou muito espantada:

—Oh, Sr.<sup>a</sup> Clifford!—exclamou.—Eu já a tinha pôsto na lista das aposentadas!

—Sr.<sup>a</sup> P. C. C.

QUANDO nasceu nosso primeiro filho, meu marido me deu um par de sapatinhos de bebê para minha pulseira de balangandãs. No segundo filho, no ano seguinte, êle acrescentou um minúsculo bercinho à pulseira. Um ano depois, quando nosso terceiro filho chegou, o balangandã foi um sinal de tráfego, de prata: “Pare.”

—L. B.